

Ministério de Minas e Energia
Assessoria de Comunicação Social – ASCOM

Destaque: (em negrito) Matérias que citam o Ministro Bento Albuquerque ou o MME:

Sumário

VEÍCULO: Valor Econômico.....	2
Título: Petróleo ensaia recuperação em junho, mas futuro ainda é incerto	2
Título: Equatorial analisa leilão de concessão de saneamento	4
Título: “Conta Covid” reduz reajuste da Enel SP	5
Título: Eneva avalia Omega e nova proposta por Tietê	6
Título: Curta.....	7
Título: Preço do minério deve cair no 2º semestre	8
Título: Petrobras descongela despesas.....	9
Título: Shell anuncia baixa contábil de U\$ 22 bilhões por conta da covid-19.....	11
Título: Curta.....	13
Título: Alta do petróleo faz açúcar e algodão reagirem.....	14
Título: Etanol de milho fortaleceu resultados da CerradinhoBio em 2019/20	15
VEÍCULO: O Estado de S. Paulo	16
Título: Penduricalho a militares custa R\$ 26 bi em 5 anos.....	16
Título: Trabalhadores desiguais... ..	19
Título: » Põe na conta.	19
VEÍCULO: Folha de S. Paulo	20
Título: Fio.....	20
Título: Conta de luz para cliente residencial da Enel sobe 3,61%.....	21
VEÍCULO: O Globo.....	21
Título: Ciclone bomba e tempestades matam três em Santa Catarina	21

VEÍCULO: Valor Econômico**Data: 01/07/2020****Seção: Empresas****Autor: André Ramalho e Ana Paula Machado — Do Rio e de São Paulo****Título: Petróleo ensaia recuperação em junho, mas futuro ainda é incerto**

O preço do petróleo ensaiou nas últimas semanas uma recuperação e se estabilizou na casa dos US\$ 40 o barril, depois de se manter abaixo dos US\$ 35 durante praticamente todo o tempo entre abril e maio. A cotação do Brent subiu 16,5% em junho, num movimento que acompanha a retomada gradual da demanda. Apesar disso, a valorização recente ainda não é suficiente para apagar os efeitos da queda de 65,5% acumulada no primeiro semestre, nem dissipar o pessimismo quanto ao comportamento futuro da commodity. A expectativa é que os balanços das petroleiras, no segundo trimestre, venham manchados de vermelho, impactados por baixas contábeis.

Ontem, a Shell estimou uma baixa de US\$ 15 bilhões a US\$ 22 bilhões (depois dos impostos), em meio à redução das projeções de preços para o médio e longo prazo. A petroleira segue o exemplo da BP, que há duas semanas já havia anunciado um corte no valor contábil de seus ativos de até US\$ 17,5 bilhões, em razão do impacto da pandemia da covid-19. Em maio, a Petrobras já havia se antecipado e contabilizado, ainda no balanço do primeiro trimestre, um “impairment” de US\$ 13,4 bilhões, depois que reduziu de US\$ 65 para US\$ 50 a cotação média do barril no longo prazo.

A Wood Mackenzie estima que o choque dos preços do petróleo e os efeitos da pandemia já secaram em US\$ 1,6 trilhão o valor global das atividades de exploração e produção de óleo e gás. A consultoria acredita que mais baixas contábeis virão pela frente. “O ‘impairment’ que a Shell anunciou é mais do que um detalhe técnico contábil, ou um ajuste nas premissas de preço no curto prazo. Trata-se de mudanças fundamentais que atingem todo o setor”, escreveu o vice-presidente de análise corporativa da consultoria, Luke Parker, em relatório sobre a decisão da petroleira anglo-holandesa.

A perspectiva para os próximos meses é que a demanda global por petróleo continue a subir, mas que ela ainda permaneça abaixo dos patamares pré-pandemia por um tempo. A Rystad Energy destaca que o consumo da commodity vem se recuperando gradualmente, mês a mês. A consultoria estima que, depois de despencar 27,1% em abril, na comparação com igual período do ano passado, a demanda voltou a cair em maio, mas dessa vez num patamar

menor, de 19,8%, saindo do fundo do poço. Para junho, a estimativa era de uma retração de 14,2%.

A plena recuperação do mercado, no entanto, ainda levará um tempo. A Rystad espera que 2020 registre um recuo de 11,8% no consumo, em relação ao ano passado, e que os patamares de consumo de óleo cru em 2021 ainda se mantenham abaixo dos de 2019.

Um estudo do Instituto Brasileiro de Petróleo, Gás e Biocombustíveis (IBP) destaca que os impactos da covid-19 deverão ser sentidos no setor de óleo e gás até o fim de 2021, acompanhando a tendência de queda no consumo final de energia primária. No cenário mais moderado, os preços se mantêm abaixo de US\$ 45 o barril, e o consumo começa a se recuperar no segundo semestre, embora só volte a atingir os níveis de 2019 no próximo ano. Nesse caso, seria necessário um corte de produção para minimizar o excesso de oferta.

O analista de petróleo e energia da XP Investimentos, Gabriel Francisco, conta que a valorização do petróleo, em junho, foi influenciada justamente pela decisão da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep) de estender por mais um mês, até o fim de julho, o acordo das cotas de corte na produção - aliada, é claro, ao início da retomada econômica em alguns países que começaram a flexibilizar as medidas de isolamento social. Ele ressaltou, porém, que ainda é prematuro estimar o comportamento do mercado este ano. Isso porque há um temor de que ocorra uma segunda onda de contágio do novo coronavírus no mundo e isso possa fechar países novamente.

“Um dos grandes consumidores é a aviação comercial. Querosene de aviação representa de 5% a 10% da demanda mundial e o retorno dessa atividade depende da retomada das viagens. Para isso precisa que a pandemia esteja controlada, por vacina ou remédio”, disse.

Na avaliação da Bain & Company, a atual crise do setor deve estabelecer um novo patamar de preços, mais baixos, em relação aos patamares pré-crise. A consultoria destaca que os choques do petróleo ocasionados por questões geopolíticas (como a Guerra do Golfo de 1991 e o ataque terrorista aos EUA, em 2001) ou por recessões econômicas (como a crise asiática de 1998 e a dos subprimes, de 2008) costumam recuperar os patamares de preços anteriores. A Bain defende que o choque atual, no entanto, assemelha-se mais às crises de 1986 e 2015, que provocaram mudanças estruturais na indústria petrolífera.

VEÍCULO: Valor Econômico**Data: 01/07/2020****Seção: Empresas****Autor: Letícia Fucuchima — De São Paulo****Título: Equatorial analisa leilão de concessão de saneamento**

A Equatorial Energia estuda expandir sua atuação para o setor de saneamento e pode participar do leilão de desestatização da Companhia de Saneamento de Alagoas (Casal), previsto para acontecer ainda neste ano.

A intenção de eventualmente estreitar um novo braço de negócios foi confirmada ontem pelo presidente da elétrica, Augusto Miranda, em teleconferência de resultados. O executivo explicou que a companhia tem uma área de fusões e aquisições (M&A, na sigla em inglês) dedicada a estudar uma série de oportunidades de crescimento. “Saneamento é um segmento naturalmente atrativo, estamos olhando sim, até por obrigação”, disse.

Ainda de acordo com Miranda, a aprovação do novo marco regulatório de saneamento pelo Congresso, na semana passada, estimulou a companhia. “Um tema que segurou muito [o interesse] foi a falta do marco regulatório. Na hora que ele vem, com certeza as coisas ficam mais claras e podemos pensar mais firmemente nisso”.

Uma das possibilidades em estudo pela Equatorial Energia é a participação no projeto de desestatização da Casal, que foi estruturado pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). Mas, caso queira entrar na concorrência pela concessão dos serviços de esgoto e abastecimento de água na região metropolitana de Maceió, marcada para setembro, a elétrica teria que se associar a uma operadora de saneamento, já que o edital prevê qualificação técnica das licitantes.

A Equatorial já atua em Alagoas por meio de uma distribuidora, que atende 1,0 milhão de consumidores no Estado. O grupo detém outras três concessionárias de distribuição, no Pará, Maranhão e Piauí, que somam mais 6,63 milhões de clientes. Ainda no setor de energia, tem atividades em transmissão, geração e comercialização.

Sobre os impactos da pandemia nos negócios, a elétrica tem observado uma melhora dos índices de inadimplência apurados por suas distribuidoras. Segundo os executivos da companhia, os níveis de inadimplência atingiram 15%

a 25% nas primeiras semanas da pandemia, mas caíram para a faixa de 5% a 13% nos últimos dados disponíveis, de meados de maio.

Já em termos de mercado, a energia injetada pelas quatro distribuidoras teve queda de 3% no acumulado de abril e maio, enquanto o valor faturado apresentou redução de 2,2% no mesmo período. Segundo os executivos, a queda de mercado, menos intensa se comparada à média nacional, pode ser explicada pelo perfil mais residencial dos clientes das distribuidoras do grupo.

A Equatorial está avaliando a adesão à “Conta Covid”, empréstimo emergencial ao setor elétrico. Caso decida pela adesão, a companhia teria uma injeção de cerca de R\$ 1,6 bilhão. Na avaliação dos executivos, os valores do financiamento, somados aos R\$ 5,7 bilhões que o grupo tinha em caixa no encerramento de março, tornam a estrutura de capital da empresa “bastante confortável” para enfrentar a crise.

A companhia fechou o primeiro trimestre deste ano com um lucro líquido atribuído ao controlador de R\$ 439,9 milhões, cifra 106,7% superior à registrada nos primeiros três meses de 2019. A receita operacional líquida alcançou R\$ 4,20 bilhões, alta de 25,2% na base anual, enquanto o Ebitda ficou em R\$ 1,14 bilhão, elevação de 98,7%.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 01/07/2020

Seção: Empresas

Autor: Rafael Bitencourt — De Brasília

Título: “Conta Covid” reduz reajuste da Enel SP

A diretoria da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) aprovou ontem o aumento médio de 4,23% das tarifas da distribuidora Enel SP (Eletropaulo). A atualização do custo da energia para o consumidor se deu no âmbito do processo de reajuste tarifário anual da companhia.

No reajuste de 2020, a Enel SP aplicará o aumento de 6,0% nas tarifas dos consumidores industriais (alta tensão) e 3,58% nas contas de luz da classe residencial e de pequenos estabelecimentos comerciais (baixa tensão).

Os índices do reajuste serão aplicados à energia consumida a partir do próximo sábado por 7 milhões de clientes de 24 municípios da região metropolitana. A área de concessão da Enel SP abrange uma população estimada em 18 milhões de habitantes. A companhia, considerada a maior do país, responde pelo faturamento anual de R\$ 14,9 bilhões.

A distribuidora, a exemplo da Copel, também usará recursos da “Conta Covid”, mecanismo criado para injetar liquidez no setor e conter aumento extraordinário na conta de luz durante a pandemia. O dinheiro será liberado por meio da operação de crédito preparada pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) em sindicato formado com bancos públicos e privados. A Enel SP usará R\$ 1,292 bilhão do total de R\$ 16,1 bilhões.

A relatora do processo de atualização das tarifas, diretora Elisa Bastos, informou que, sem o financiamento da “Conta Covid”, a Enel SP aplicaria o índice médio de 12,22%, sendo 13,74% para a classe de consumo de alta tensão e 11,67% para a baixa tensão.

“A gente conseguiu aliviar grande parte do aumento tarifário para esses consumidores. Esse resultado é muito importante nesse momento que é tão crítico para a população que vem sofrendo com os efeitos do isolamento social e da retração da atividade econômica”, disse Elisa.

A Aneel registrou que a tarifa da Enel SP é formada em 33,8% pelo custo da energia elétrica, 25,3% do pagamento de tributos federal e estadual (20,8% de ICMS e 4,5% de PIS/Cofins), 17,4% do serviço de distribuição, 13,4% de encargos setoriais e 10,1% do custo de transmissão.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 01/07/2020

Seção: Empresas

Autor: Maria Luíza Filgueiras — De São Paulo

Título: Eneva avalia Omega e nova proposta por Tietê

Após uma tentativa frustrada de incorporar a concorrente AES Tietê, a geradora de energia Eneva continua em busca de ativos potenciais para crescer por meio de aquisição ou fusão. A Eneva teve conversa preliminar com a geradora de energia renovável Omega, avaliando um potencial incorporação ou compra de controle, apurou o **Valor**. Mas este seria um plano B, uma vez que a companhia ainda não descartou um novo avanço sobre a Tietê, disseram as fontes.

“O assunto da Tietê não morreu na empresa. Mas a Eneva é consolidadora e está avaliando suas opções”, afirmou uma fonte. Há uma semana, a Eneva negou oficialmente participação no processo de leilão do BNDES pela parte do banco na Tietê. No entanto, em fato relevante ontem à noite, afirmou que está analisando a possibilidade de formular nova proposta para a combinação de negócios.

Uma possível transação alternativa com a Omega se daria por acerto direto com o controlador da empresa. “A operação pode se dar por troca de ações e parte em dinheiro ou por aquisição efetiva, com venda de controle pela Tarpon à Eneva”, disse uma fonte. “Mas a conversa é bastante preliminar e pode não avançar”, complementou. A Tarpon é a maior acionista da Omega, com 48,92% - a gestora forma o grupo de controle com os 4,7% do fundo de participações LAMBDA3.

O plano alternativo se justifica porque, para a Eneva, a Tietê só faz sentido se a companhia conseguir comprar ou incorporar as ações detidas pela americana AES Corp - que tem a maioria das ações com direito a voto.

Ontem, após a notícia do **Valor PRO**, sistema de notícias em tempo real do **Valor**, as ações da Omega tiveram forte alta e fecharam com valorização de 6,73%. No mesmo horário, as ações da AES Tietê passaram a cair, mas tiveram recuperação parcial no fim do pregão - fecharam o dia com desvalorização de 1,01%. A Eneva teve alta de 2,83%.

A Omega é dona de parques de energia eólica e hidrelétrica. A companhia tem valor de mercado atual de R\$ 6,03 bilhões - muito próximo ao da AES Tietê, companhia que foi alvo de tentativa de incorporação da Eneva há dois meses. A AES Tietê é avaliada em bolsa em R\$ 6,3 bilhões. A Eneva vale um pouco mais que o dobro, com valor de mercado de R\$ 13,9 bilhões. Uma fonte lembra que seu diretor financeiro veio da Omega, com bom conhecimento sobre a empresa.

Procurada pelo **Valor**, a Eneva não comentou. A Tarpon disse que não comenta rumores de mercado. A Omega afirmou que “a informação não procede. A Omega tem dedicação exclusiva à geração de energias renováveis, não fazendo parte de seu objeto, mandato ou de seu plano de negócios investimentos em térmicas a gás ou a carvão.”

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 01/07/2020

Seção: Empresas

Autor:

Título: Curta

Reajuste na transmissão

A diretoria da Aneel aprovou ontem aumento de 13,82%, em média, das receitas anuais (RAPs) de nove transmissoras que tiveram os contratos de concessão prorrogados em 2013, com adesão ao plano de redução da conta de

luz lançado pela ex-presidente Dilma Rousseff. Com a decisão da agência, o conjunto da receita anual das companhias sobe dos atuais R\$ 13,69 bilhões para R\$ 15,57 bilhões para o período de 1º de julho de 2020 a 30 de junho de 2021. O maior aumento ficou com a Chesf, subsidiária do grupo Eletrobras. A companhia contou com a alta de 19,65% da RAP, que subiu de R\$ 2,72 bilhões para R\$ 3,26 bilhões.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 01/07/2020

Seção: Empresas

Autor: Stella Fontes — De São Paulo

Título: Preço do minério deve cair no 2º semestre

A normalização da oferta de minério de ferro no mercado transoceânico deve pressionar os preços no segundo semestre e, embora analistas tenham revisado para cima as projeções de curto prazo, as novas estimativas ainda embutem queda em relação aos níveis vistos no fim de junho. Depois de superarem a marca de US\$ 100 por tonelada há cerca de um mês, as cotações começaram a dar sinais de perda de força na reta final do primeiro semestre.

De acordo com a publicação especializada “Fastmarkets MB”, o minério com pureza de 62% no porto de Qingdao recuou mais 0,4% ontem, para US\$ 99,43 a tonelada, o menor preço desde 4 de junho. Na bolsa de mercadorias de Dalian, os contratos mais negociados com vencimento em setembro perderam 3,50 yuans, para 744,50 yuans por tonelada.

Com o desempenho negativo nesta semana, a matéria-prima do aço encerrou junho com desvalorização de 2,9% no mercado à vista. E, no primeiro semestre, o ganho acumulado foi reduzido a 7,9%.

De acordo com o analista Daniel Sasson, do Itaú BBA, a expectativa é a de acomodação dos preços ao longo do segundo semestre. O banco recém-elevou a estimativa média para a commodity em 2020, de US\$ 80 por tonelada para US\$ 85 por tonelada, diante do desempenho positivo no primeiro semestre. Mas as novas projeções indicam queda em relação aos preços atuais.

“Essa queda viria, principalmente, por conta de uma normalização da oferta. O Brasil teve uma oferta bem fraca de minério no primeiro trimestre e, a do segundo trimestre, tampouco parece ser tão boa. Houve problemas relacionados a clima na região Sudeste e problemas operacionais, como foi o caso da correia transportadora de S11D, que impactou a produção da Vale nessa operação por 10 dias em abril”, lembra o analista.

O banco suíço Julius Baer também reviu suas estimativas e elevou para US\$ 90 o preço projetado para o minério de ferro em três meses e a US\$ 80 por tonelada a cotação em 12 meses, mas segue cauteloso quanto ao desempenho da commodity. As novas projeções embutem queda frente aos preços atuais e refletem a visão do banco de que, estruturalmente, há mais oferta do que demanda nesse mercado.

Neste momento, escreveu em nota recente o chefe de pesquisa do banco, Carsten Menke, o avanço da pandemia de covid-19 no Brasil e o receio de que mais operações sejam paralisadas, a exemplo do que ocorreu com a Vale em Itabira (MG), devem sustentar as cotações mais perto de US\$ 100 por tonelada. Mas, para o longo prazo, a percepção é a de que o mercado está suficientemente abastecido.

“Como seguimos confiantes de que qualquer interrupção no fornecimento a partir do Brasil provavelmente seja temporária, acreditamos que a força atual dos preços deve desaparecer”, afirmou Menke, ponderando que o risco imediato de novas interrupções levaram o banco a ajustar para cima as projeções de preço.

Segundo Sasson, do Itaú BBA, o segundo semestre é sazonalmente mais forte e a expectativa é de crescimento dos volumes de produção da Vale para cerca de 90 milhões de toneladas por trimestre, contra 59 milhões de toneladas nos três primeiros meses do ano.

A magnitude do impacto nos preços vai depender do comportamento dos compradores chineses. Na avaliação do Julius Baer, a commodity tem resistido à crise da covid-19 por causa da elevada exposição à China, responsável por cerca de 70% das importações globais, e da disposição do governo chinês de recolocar a economia nos trilhos o mais rápido possível. “Ao mesmo tempo, continuamos convencidos de que a demanda por aço na China acabará atingindo o pico, à medida que o país continue migrando para o crescimento via consumo, com reflexo na demanda de minério e empurrando os preços para baixo”, aponta.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 01/07/2020

Seção: Empresas

Autor: André Ramalho — Do Rio

Título: Petrobras descongela despesas

Depois de conter parte de seus gastos com recursos humanos durante o segundo trimestre, na tentativa de preservar seu caixa frente ao choque de preços do petróleo, a Petrobras começa aos poucos a normalizar o fluxo de uma

série de despesas que haviam sido congeladas nos últimos meses. O presidente da estatal, Roberto Castello Branco, disse ontem que os custos com pessoal da companhia são desproporcionais em relação a seus pares globais e disse que a empresa vai apostar nos programas de desligamento voluntário (PDVs) para reduzir mais de 9 mil empregados entre 2020 e 2021.

A Petrobras lançou em abril o Programa de Aposentadoria Incentivada (PAI), voltado aos empregados aposentáveis, e fez ajustes nos programas vigentes para igualá-los às condições e benefícios da iniciativa mais recente. O PAI é o quarto plano do tipo criado pela companhia desde 2019, incluindo um PDV específico para empregados lotados em ativos à venda; um exclusivo para funcionários do segmento corporativo e o PDV 2019, destinado aos aposentados pelo INSS até junho de 2020.

“O custo de pessoal é um problema na Petrobras, temos desvantagem em relação aos competidores”, afirmou o executivo, durante evento on-line promovido pela Amcham. A expectativa é que a maior parte dos desligamentos ocorra ainda neste ano e uma “parcela secundária” no ano que vem. Procurada para esclarecer se a estimativa de 9 mil desligamentos inclui as saídas já ocorridas nos programas vigentes, a estatal preferiu não comentar.

A Petrobras fechou 2019 com um efetivo de cerca de 58 mil trabalhadores, 8,5% a menos do que em 2018. A tendência é que essa força de trabalho continue a cair, conforme a empresa avance com os desinvestimentos e demais PDVs. Desde 2014, quando entrou em crise financeira, a companhia já reduziu em 28% - ou em 23 mil - o seu número de funcionários.

Ontem, a Petrobras informou que voltará a recolher o FGTS e a pagar gratificação de férias e de horas extras, que foram postergados no momento mais agudo da crise. A estatal vai normalizar a remuneração de membros do conselho de administração e do presidente, diretores, gerentes executivos e gerentes gerais - até então, a empresa estava retendo 30% da remuneração mensal desses cargos, para pagamento posterior. Além disso, a companhia encerrou a retenção de 10% a 25% da remuneração de funções gratificadas e a redução da jornada de trabalho.

Segundo a Petrobras, as horas extras dos meses de abril, maio e junho, bem como o percentual da remuneração dos empregados com função gratificada postergado durante os últimos meses, serão pagos em setembro. Já a gratificação das férias de abril, maio e junho será paga na folha de julho.

A estatal anunciou, ainda, que fará o pagamento do Programa de Prêmio por Performance 2019 em dezembro de 2020. A Petrobras manteve, por sua vez o

cancelamento dos processos de avanço de nível e promoção para os empregados e de avanço de nível das funções gratificadas este ano.

Frente à nova realidade de preços, Castello Branco disse que a companhia está fazendo uma revisão geral da carteira de projetos para os próximos anos. Segundo ele, os novos projetos terão que se mostrar viáveis num ambiente de preços do petróleo a US\$ 35 o barril. “Tem que, com todos os custos, apresentar retorno econômico superior ao custo de capital [num cenário de preços a US\$ 35 o barril] e tem que sentar na fila para se financiar”, afirmou o executivo.

Ele afirmou que a demanda mundial de petróleo atingiu o fundo do poço em abril e, desde então, tem se recuperado gradualmente. “Os preços estão estabilizados em torno de US\$ 40 o barril, mas nem por isso devemos nos dar por satisfeitos e acreditar que o pior já passou e o céu é azul”, disse.

Sobre o programa de desinvestimentos, Castello Branco afirmou que ficou satisfeito com o interesse pela refinaria RLAM, na Bahia, na fase de recebimento das propostas vinculantes pelo ativo, na semana passada. Ele reforçou a expectativa de que o fechamento da venda dos ativos de refino ocorra em 2021.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 01/07/2020

Seção: Empresas

Autor: Anjli Raval — Financial Times

Título: Shell anuncia baixa contábil de US\$ 22 bilhões por conta da covid-19

A Royal Dutch Shell vai reduzir o valor de seus ativos em até US\$ 22 bilhões, após alertar que o coronavírus terá efeito negativo duradouro sobre a demanda por produtos de energia e economia mundial.

O grupo anglo-holandês de petróleo reduziu ontem suas perspectivas para os preços do petróleo e do gás, prometendo “se adaptar para assegurar a continuidade da resiliência dos negócios”.

A companhia disse que os preços mais baixos levarão a despesas de depreciação não financeiras e após os impostos de US\$ 15 bilhões a US\$ 22 bilhões no segundo trimestre. Suas ações caíram cerca de 1,5% na manhã de ontem.

A iniciativa da Shell segue-se a um anúncio parecido feito este mês pela BP, indicando a percepção entre os executivos das maiores empresas de energia do mundo, de que dezenas de bilhões de dólares em ativos de petróleo, gás e refino poderão acabar se tornando inviáveis.

Assim como o setor de energia como um todo, a Shell vem sofrendo com a pandemia de covid-19. Ela cortou seu dividendo pela primeira vez desde a Segunda Guerra Mundial depois que os lucros caíram pela metade por causa de um colapso na demanda e nos preços da energia.

Executivos e analistas acreditam cada vez mais que a pandemia vai não só estagnar a demanda por petróleo e gás por um período prolongado, como também acelerar uma mudança global em direção a combustíveis mais limpos.

A Shell anunciou em abril planos para se tornar uma empresa de energia de emissões líquidas zero e está realizando uma análise de sua estrutura organizacional em razão de suas novas ambições. Ela disse ontem que os preços do petróleo do tipo Brent deverão estar em US\$ 50 o barril em 2022, abaixo da previsão anterior de US\$ 60, e os preços do gás do centro de distribuição Henry Hub, nos Estados Unidos, em US\$ 2,50 por milhão de unidades térmicas britânicas, ante a previsão anterior de US\$ 3.

Após 2023, a companhia prevê os preços de longo prazo do petróleo em US\$ 60 e do gás em US\$ 3, em linha com suas expectativas anteriores. “Essas bases de preços são agora tão sensatas quando eram agressivas anteriormente”, disse Colin Smith da Panmure Gordon. “No longo prazo, o mundo não estará carente de recursos versus o consumo, que estará de acordo com as metas climáticas do Acordo de Paris.”

“As depreciações da BP e da Shell, juntamente com as bases mais baixas dos preços reforçam a questão de onde virão o crescimento futuro e os retornos enquanto elas prosseguem na transição energética”, disse Smith.

As operações de gás da Shell, nas quais ela investiu muito depois da aquisição do BG Group por US\$ 53 bilhões em 2016, sofrerão a maior depreciação, de algo entre US\$ 8 bilhões e US\$ 9 bilhões. Suas operações de exploração e produção de petróleo terão perdas de US\$ 4 bilhões a US\$ 6 bilhões, enquanto que as depreciações em suas operações de produtos e refino serão de US\$ 3 bilhões a US\$ 7 bilhões.

As depreciações deverão aumentar em 3% a alavancagem - definida pela Shell como o endividamento líquido enquanto porcentagem do capital total.

Ben van Beurden, presidente executivo da companhia, disse a jornalistas em abril que o aperto de caixa provocado pelo coronavírus estava forçando a

companhia a equilibrar suas necessidades financeiras de curto prazo com as metas de longo prazo.

Além de cortar os dividendos em dois terços, ela suspendeu seu programa de recompra de ações e reduziu dramaticamente os investimentos e os custos operacionais. Ao mesmo tempo, emitiu dívida nova.

A Shell, que anunciará os resultados do segundo trimestre em 30 de julho, disse anteriormente que para movimento de US\$ 10 no barril no preço do petróleo Brent, os fluxos de caixa são pressionados em US\$ 6 bilhões.

Want to read more from the FT? Sign up for a free corporate trial for you and your team at: www.ft.com/am730.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 01/07/2020

Seção: Empresas

Autor:

Título: Curta

Neoenergia X Aneel

As distribuidoras de energia do grupo Neoenergia entraram na Justiça com mandados de segurança, com pedidos de liminar, contra os termos da resolução da Aneel que regulamentou a “Conta Covid”, empréstimo emergencial ao setor elétrico. Nos documentos aos quais o Valor teve acesso, as concessionárias pedem que seja interrompido o prazo de 10 dias para que as distribuidoras façam sua adesão à “Conta Covid”, alegando que uma série de pontos essenciais relacionados à operação financeira ainda não foram esclarecidos, como o custo efetivo que será alocado à cada empresa. Solicitam ainda que a Aneel seja obrigada a definir, em até 30 dias, as providências caso os recursos da “Conta Covid” se mostrem insuficientes, além dos procedimentos de reequilíbrio econômico-financeiro dos contratos de concessão diante dos impactos da pandemia. As empresas defendem que já se encontram em desequilíbrio e que a “Conta Covid” é uma medida paliativa e insuficiente. Procurada, a Neoenergia não quis comentar.

VEÍCULO: Valor Econômico**Data: 01/07/2020****Seção: Agronegócios****Autor: Fernanda Pressinott, Naiara Albuquerque e Marina Salles — De São Paulo****Título: Alta do petróleo faz açúcar e algodão reagirem**

Depois de tanto pressionar açúcar e algodão, o petróleo mudou de lado, subiu de forma expressiva no mercado internacional em junho e abriu espaço para uma reação das cotações das duas commodities agrícolas na bolsa de Nova York.

Cálculos do Valor Data baseados nos contratos futuros de segunda posição de entrega mostram que o açúcar subiu 9% ao longo do mês e alcançou um valor médio mensal quase 11% superior ao de maio. Em relação à média de dezembro, ainda houve queda também de 11%, e ante junho de 2019, baixa de quase 6%.

A relação entre açúcar e petróleo em Nova York é direta. Quando o petróleo sobe, carrega o açúcar porque, teoricamente, estimula as usinas brasileiras a produzirem mais etanol. E a reação poderia ter sido mais aguda, não fosse a valorização do real em relação ao dólar - o movimento torna as exportações do Brasil, líder global nessa frente, menos atraentes.

No caso do algodão, a influência do petróleo se reflete nas fibras sintéticas, que concorrem com a pluma. E, como elas ficaram mais caras em junho, os papéis de segunda posição de entrega da pluma registraram alta superior a 7%, e sua média mensal subiu mais de 5% em relação a maio. Ante as médias de dezembro e de junho do ano passado, as baixas ainda giram em torno de 10%.

No mercado de açúcar, porém, as perspectivas de boa oferta no Brasil tendem a limitar eventuais escaladas, ao passo que no de algodão é a fraqueza da demanda, em tempos de pandemia - muitas indústrias têxteis estão paradas ou produzindo menos no mundo - fator negativo a ser superado.

Das “soft commodities” exportadas pelo Brasil e referenciadas na bolsa de Nova York, o suco de laranja também subiu em junho. Ao longo do mês, o ganho foi de cerca de 4%, o que levou a média mensal dos futuros de segunda posição a um degrau 3% superior ao de maio. Ante a média de dezembro, a alta se aproximou de 25%, e em relação a junho de 2019 beirou 20%.

No mercado de suco de laranja, Nova York reflete sobretudo a realidade da relação entre oferta e demanda nos Estados Unidos, segundo maior país exportador, atrás do Brasil. E nos EUA, bem como na Europa, a demanda está

aquecida pela sensação dos consumidores, não comprovada cientificamente, de que a vitamina C da fruta é um escudo eficiente contra a covid-19.

Já as cotações do café não resistiram à valorização do real em relação ao dólar e à tendência de produção farta no Brasil, que aqui também puxa as exportações mundiais, e desabaram. Como a queda das temperaturas no país ofereceu suporte às cotações nos últimos dias, ao longo de junho até houve alta de quase 3%. Mas, mesmo assim, a média mensal dos contratos de segunda posição ficou 2,7% menor que a de maio e 4% inferior à de junho de 2019.

Na bolsa de Chicago, soja e milho, os grãos mais exportados pelo Brasil, tiveram um mês positivo para as cotações. Com poucas trocas de golpes entre Estados Unidos e China e demanda do país asiático firme, a soja encerrou junho com preço médio pouco mais de 2,5% superior ao de maio. E a alta do petróleo puxou o milho, que nos EUA é usado na fabricação do etanol - o cereal subiu 3,2% na comparação.

Os olhares do mercado de grãos também estão voltados para área plantada e estoques nos EUA, alvos de novos relatórios divulgados ontem pelo USDA, o Ministério da Agricultura do país. E o órgão surpreendeu os traders ao reduzir seu cálculo para a área de milho para 37,2 milhões de hectares, 5% menos que o previsto anteriormente e número bem abaixo do esperado.

No caso da soja, o USDA passou a calcular a área plantada em 2020/21 em 33,9 milhões de hectares), um avanço de 10,1% ante a temporada 2019/20, quando a semeadura nos EUA foi prejudicada por problemas climáticos. **(Colaboraram Marcela Caetano e Fernando Lopes)**

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 01/07/2020

Seção: Agronegócios

Autor: Camila Souza Ramos — De São Paulo

Título: Etanol de milho fortaleceu resultados da CerradinhoBio em 2019/20

A nova unidade de produção de etanol a partir de milho da CerradinhoBio entrou em operação no fim do ano passado e fortaleceu os resultados da companhia na última safra (2019/20). Agora com uma usina integrada de etanol em Chapadão do Céu (GO), a empresa encerrou a temporada com lucro três vezes maior que no ciclo anterior, de R\$ 108,4 milhões.

Com cinco meses de operação, a planta que processa milho fabricou 71 milhões de litros de etanol, 14% do total. Mas, mesmo sem a produção adicional a partir do cereal, o resultado da CerradinhoBio também teria crescido.

A companhia já havia investido em períodos anteriores para aumentar sua capacidade de moagem de cana e, na temporada passada, realizou ajustes operacionais para retirar gargalos. Assim, sem investimentos adicionais, a moagem de cana cresceu 9,3%, para 5,2 milhões de toneladas. Com isso, a produção de etanol a partir da cana alcançou 430 milhões de litros.

A CerradinhoBio ainda se beneficiou do bom momento para o mercado de etanol na safra. Com isso, o faturamento cresceu 44,3%, para R\$ 1,17 bilhão, dos quais 11% vieram das vendas do etanol feito do milho. O lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização (Ebitda) subiu 32,1%, para R\$ 494,8 milhões, com margem Ebitda de 42%.

Assim que começou a pandemia, a CerradinhoBio, por não ter a flexibilidade de produzir açúcar, como a maioria das usinas do Centro-Sul, fez alguns ajustes na rota. Vendeu 45 mil toneladas de milho de seus estoques entre março e abril e renegociou contratos, incluindo um refinanciamento de R\$ 150 milhões com vários bancos que venciam este ano. Um aporte de R\$ 50 milhões para reduzir gargalos na usina foi suspenso inicialmente, mas já foi retomado e deve ser concluído em agosto.

Segundo Motta, a companhia não foi tão afetada no início da pandemia porque distribuidoras locais mantiveram as compras de etanol e garantiram a geração de caixa necessária. E, segundo ele, a expectativa para esta temporada (2020/21) é aumentar a produção, a despeito da crise.

A moagem de cana deve crescer até 5%, para 5,4 milhões de toneladas, enquanto a produção de etanol apenas a partir de milho deve dobrar, para 195 milhões de litros. Segundo o executivo, a empresa já tem milho para garantir a produção.

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo

Data: 01/07/2020

Seção: Política

Autor: FELIPE FRAZÃO, ADRIANA FERNANDES, MATEUS VARGAS e VINICIUS VALFRÉ - BRASÍLIA

Título: Penduricalho a militares custa R\$ 26 bi em 5 anos

Executivo. Aumento de até 73% na bonificação salarial concedida a integrantes das Forças Armadas pelo 'adicional de habilitação' terá impacto de R\$ 1,3 bilhão somente em 2020

O reajuste de até 73% na bonificação salarial concedida aos militares das Forças Armadas que fazem cursos ao longo da carreira custará R\$ 26,54 bilhões em

cinco anos. Chamado de “adicional de habilitação”, o “penduricalho” será incorporado na folha de pagamento de julho dos militares, com impacto de R\$ 1,3 bilhão neste ano, em plena pandemia do novo coronavírus, de acordo com nota técnica do Ministério da Economia e dados do Ministério da Defesa, obtidos por meio da Lei de Acesso à Informação (LAI). Na prática, o gasto anual com o pagamento dessa bonificação no soldo dos militares crescerá ano a ano, como antecipou o Estadão, e em 2024 já estará em R\$ 8,14 bilhões. O reajuste do adicional foi aprovado com a reforma da Previdência dos militares, no fim do ano passado.

Os críticos argumentam que o benefício deveria ter sido suspenso até dezembro de 2021, junto com o congelamento dos reajustes salariais dos servidores civis, aprovado pelo Congresso com o socorro de R\$ 120 bilhões aos Estados e municípios. A ideia do congelamento – uma contrapartida do setor público aos cortes salariais no setor privado – foi do ministro da Economia, Paulo Guedes. Quase 12 milhões de trabalhadores da iniciativa privada foram atingidos durante a pandemia com a tesourada nos salários e suspensão de contratos. Os ministros militares do governo Jair Bolsonaro, porém, trataram de negociar com o presidente do Senado, Davi Alcolumbre (DEM-AP), a “blindagem” das Forças Armadas.

Desde o início do governo, Bolsonaro tem protegido as carreiras militares. O bônus será concedido no momento em que Bolsonaro enfrenta uma sucessão de crises e busca ampliar sua base de apoio, composta por militares, policiais, evangélicos, ruralistas e, agora, políticos do Centrão. Ocorre também em um cenário de dificuldades do governo para prorrogar o auxílio emergencial de R\$ 600 à população mais afetada pelos efeitos da pandemia da covid-19 na economia. A área econômica anunciou ontem a extensão do benefício por dois meses, mas o repasse deverá ser feito em várias etapas. Os militares se converteram numa espécie de esteio de Bolsonaro, que tem o mandato ameaçado por denúncias de crime de responsabilidade apresentadas no Congresso, um inquérito por acusação de interferência na Polícia Federal tramitando no Supremo Tribunal Federal, além do julgamento de ações no Tribunal Superior Eleitoral (TSE).

Oficiais das Forças Armadas comandam 10 dos 23 ministérios e são maioria no Palácio do Planalto, de onde atuam, nos bastidores, na articulação com o Legislativo e o Judiciário, além dos órgãos de controle. Hoje, os maiores salários brutos entre os 381 mil militares em geral são do general Luiz Eduardo Ramos (Secretaria de Governo) e do **almirante Bento Albuquerque (Minas e Energia)**. Em março, último pagamento publicado pelo governo, eles receberam, respectivamente, R\$ 51.026,06 e R\$ 50.756,51, conforme o Portal da Transparência. Os valores, no entanto, caem na regra do abate-teto, pela qual

ninguém pode ganhar mais do que um ministro do Supremo, que recebe R\$ 39,2 mil.

Mudança. Lotado no Gabinete de Segurança Institucional (GSI), o major-brigadeiro Ary Soares Mesquita, secretário de Assuntos de Defesa e Segurança Nacional, ganha o terceiro maior salário do setor militar. Ele tem vencimento bruto de R\$ 40.992,66. Os generais da ativa e da reserva do governo também serão beneficiados com o reajuste no penduricalho, mas o valor deve ser “engolido” pelo abate-teto. A situação pode mudar em breve. Em abril, a Advocacia-Geral da União (AGU) emitiu parecer no qual considera que, para os militares, a regra do abate-teto incidirá sobre cada um dos vencimentos acumulados, e não mais sobre o somatório deles. Ou seja, se um militar recebe R\$ 20 mil das Forças Armadas e R\$ 39,2 mil do Executivo, ele poderá embolsar R\$ 59,2 mil por mês, uma vez que cada uma das rendas não ultrapassa o teto.

A manobra, revelada pela revista Época, não é aplicada por enquanto em razão da pandemia. De acordo com nota técnica do Ministério da Economia, as alterações promovidas no “adicional de habilitação” dos militares terão impacto de R\$ 1,3 bilhão até o fim do ano. O dinheiro foi preservado em reserva específica do Orçamento. Além de subir a despesa por causa desse adicional, o governo já tinha gasto R\$ 441 milhões a mais por causa das mudanças na reforma dos militares. O motivo apontado foi o de que dobrou a ajuda de custo na passagem do militar para a inatividade.

Mais benesses. O “adicional de habilitação” foi criado ainda na gestão de Fernando Henrique Cardoso e é dado para quem fez cursos ao longo da carreira. O valor era o mesmo desde 2001. No ano passado, Bolsonaro autorizou o reajuste para até 73% sobre o soldo, em quatro etapas. Na primeira delas, o penduricalho para quem fez “curso de altos estudos”, por exemplo, subirá a partir de julho de 30% para até 42% sobre o valor da remuneração. O aumento vale para militares da ativa e da reserva, que pressionaram para receber. Um outro adicional criado por Bolsonaro, o de disponibilidade militar, tem impacto previsto de R\$ 2,7 bilhões por ano.

Esse penduricalho não existia antes e engorda o salário em até 41%. Na outra ponta, a ajuda de custo na passagem para a reserva dobrou, quando havia sido projetada para atingir cerca R\$ 300 milhões anuais, abaixo dos R\$ 441 milhões já registrados em 2020, conforme o documento do Ministério da Economia. A mesma lei que reajustou o “adicional de habilitação” abriu a possibilidade de contratação de militares inativos para exercerem tarefas em outros órgãos da administração pública, com um adicional de 30% da remuneração na aposentadoria. A medida tem sido criticada por facilitar a chamada militarização do serviço público na gestão Bolsonaro. O governo não informa quantos

militares da reserva ocupam cargos civis no governo. O Estadão mostrou que militares da ativa no Executivo já são 2,9 mil.

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo

Data: 01/07/2020

Seção: Colunas

Autor: Sonia Racy

Título: Trabalhadores desiguais...

Direto da fonte

A Federação de Sindicatos dos Petroleiros (FUP) entrou com liminar no Tribunal Regional do Trabalho da 1ª Região para impedir que a Petrobrás pague o bônus anual referente a 2019. Discordam da metodologia, que – a exemplo de qualquer empresa de porte do mundo – premia mais trabalhadores que registram melhor desempenho e dá ganhos maiores para quem exerce funções de maior responsabilidade. ...

têm que ter... Pedem suspensão de pagamento, daqui para frente, de todos os bônus devidos até o fim do ano. A petição dos sindicalistas propõe, inclusive, que os petroleiros devolvam parte dos bônus já pagos em fevereiro e março.

...bônus igual?

A quitação da parcela final, inicialmente prevista para maio, foi postergada pela Petrobrás para o mês de dezembro devido ao agravamento da crise do petróleo.

A fatura

A Enel foi chamada a explicar, hoje, na Câmara Municipal – a pedido de Police Neto – o aumento das contas de luz na quarentena. Segundo ele, de março para cá, cobrança era feita pela média de consumo anterior à covid-19. Agora, é feita presencialmente por fiscais.

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo

Data: 01/07/2020

Seção: Colunas

Autor: TALITA NASCIMENTO, LUCIANA COLLET, FERNANDA GUIMARÃES, ALINE BRONZATI E ANNE WARTH

Título: » Põe na conta.

Coluna do Broadcast

A saída do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) do capital da AES Tietê contará com um desafio adicional para o candidato à aquisição fechar o negócio. A escritura dos contratos das debêntures (títulos de dívida) da companhia – que são da ordem de R\$ 4 bilhões – contém uma cláusula que prevê antecipação dos vencimentos, caso o banco de fomento deixe de ser acionista da distribuidora de energia.

» No mercado. O BNDES contratou o BR Partners como assessor financeiro para a venda de sua fatia de 28,41% do capital da empresa e conversas com interessados vêm acontecendo. Nos bastidores, essa antecipação não vem sendo encarada como problema, já que o comprador poderá negociar com credores ou substituir a dívida.

» Quero. A AES Corp tem 24,35% do capital total da AES Tietê e negocia a aquisição. A companhia norte-americana, porém, teria mais dificuldades financeiras do que as concorrentes para completar a transação, comenta-se no mercado.

» Disputa. A AES Corp tem grande interesse na fatia do BNDES. Neste ano, a Eneva fez uma oferta hostil para aquisição da AES Tietê na Bolsa, em recente imbróglio societário que precisou até mesmo de posicionamento da B3. A fatia do BNDES na geradora de energia vale pouco mais de R\$ 1,5 bilhão.

» Também quero. A Eneva continua olhando com interesse à AES Tietê e pode fazer novo movimento para a aquisição – aliás, é o que se espera. Sua primeira empreitada acabou gerando grande debate público que com os principais nomes do direito societário de importantes bancas do País sobre as regras de listagem do Nível 2, da B3. Procurados, AES, Eneva e BNDES não comentaram.

VEÍCULO: Folha de S. Paulo

Data: 01/07/2020

Seção: Colunas

Autor: Joana Cunha

Título: Fio

PAINELS.A.

O deputado estadual Aprigio (Pode) enviou um questionamento à diretoria da Arsesp (agência reguladora de energia no estado de SP) sobre os problemas relatados por consumidores nas cobranças efetuadas pela distribuidora Enel. Ele pergunta se a agência está ciente das queixas e que medidas tomou.

Luz

Nos últimos meses, surgiu uma onda de relatos de comerciantes que, apesar de terem fechado as portas na quarentena, receberam cobrança de energia da Enel equivalente à média consumida nos últimos 12 meses. O erro ocorreu porque a Enel reduziu as medições presenciais para diminuir a circulação de profissionais nas ruas e evitar contágio.

VEÍCULO: Folha de S. Paulo

Data: 01/07/2020

Seção: Mercado

Autor:

Título: Conta de luz para cliente residencial da Enel sobe 3,61%

São Paulo | Agora- A Aneel aprovou nesta terça-feira (30) o reajuste das tarifas da Enel São Paulo, antiga AES Eletropaulo. Em média, o consumidor pagará 4,23% a mais pelo serviço a partir do dia 4.

A Enel atende cerca de 7 milhões de unidades consumidoras em 24 municípios de São Paulo e região metropolitana.

Consumidores residenciais terão reajuste de 3,61%. Já empresas conectadas em baixa tensão pagarão, em média, 3,58% a mais pelo serviço, e as em alta-tensão, 6%.

VEÍCULO: O Globo

Data: 01/07/2020

Seção: O País

Autor:

Título: Ciclone bomba e tempestades matam três em Santa Catarina

Um ciclone bomba junto com uma forte tempestade na tarde de ontem provocaram estragos em Santa Catarina e deixaram três mortos. Os ventos chegaram a 100 km/h em algumas regiões, e mais de 1,5 milhão imóveis ficaram sem energia elétrica, de acordo com as Centrais Elétricas de Santa Catarina (Celesc). De acordo com a previsão do tempo, o vento deverá voltar com maior intensidade entre a madrugada e a manhã de hoje.

Em Chapecó, uma idosa morreu após ser atingida por uma árvore. Em Santo Amaro da Imperatriz, na Grande Florianópolis, um homem foi atingido pela fiação elétrica de um poste depois da queda de uma árvore e não resistiu. A terceira morte foi em Tijucas, também na Grande Florianópolis. Uma pessoa foi atingida por uma estrutura que caiu.

Boa parte das rodovias federais que atravessam Santa Catarina foram bloqueadas por causa da queda de árvores. É o caso da BR-101, no litoral, 470, no Vale do Itajaí, 153, no oeste, 282, que cruza o estado de leste a oeste.

Em Florianópolis, mais da metade da cidade estava sem energia elétrica por volta das 17h25m. No bairro Córrego Grande, uma van e um carro de passeio foram atingidos por uma árvore em frente ao Parque Municipal do Córrego Grande. Houve queda de árvore nas proximidades da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), no bairro Estreito, no Morro da Lagoa, no bairro Pantanal e na SC-401, que liga o Centro ao Norte da Ilha de Santa Catarina. Perto da ponte Hercílio Luz, uma placa foi arrancada pelo vento.

Em Chapecó, a velocidade do vento chegou a 108 km/h por volta das 13h30. A Secretaria de Defesa do Cidadão e Mobilidade (Sedemob) recebeu, via Defesa Civil, 350 registros de destelhamentos, quedas de árvores e galhos. O trabalho dos bombeiros não foi menor nas outras cidades.

No Vale do Itajaí, o vendaval também deixou estragos e assustou os moradores. Um carro foi destruído com a queda de uma estrutura em Itajaí, e muitas árvores caíram. Uma embarcação do ferry boat foi arrastada pelo vento no Rio Itajaí-Açu. A balsa ia sentido Navegantes e ficou desgobernada, com veículos e pedestres a bordo. O motorista da balsa precisou manobrar de volta para o local de embarque. Outra balsa que tentava atracar do lado de Navegantes colidiu com a outra que já estava estacionada e precisou ser rebocada. Ninguém ficou ferido.

O ciclone bomba possui esse nome porque é um fenômeno em que a pressão tem uma queda rápida e isso acaba formando ventos intensos.

— Desde o início do dia houve relatos de ventos intensos em Santa Catarina, e somado à formação do ciclone houve o desenvolvimento do que se chama de uma linha de instabilidade, que é como se fosse várias tempestades se alinhando. Estas tempestades geraram rajadas de vento localmente mais fortes —explica o professor Ernani de Lima Nascimento, do curso de Meteorologia da Universidade Federal de Santa Maria. (Do G1)

MME / ASCOM .